

A TRADIÇÃO DOS HOMENS (1): MARCOS 7.8 – ANÁLISE DO TEXTO

*F. Solano Portela Neto**

RESUMO

Este artigo, o primeiro de uma série de dois, apresenta a análise do texto de Marcos 7.1-13, concentrando a atenção no termo contido no oitavo verso – *a tradição dos homens*. Procura analisar que “tradição” é essa que recebe tão severa condenação de Jesus, examinando a sua procedência (os fariseus e os escribas) e a aparente contradição no uso do termo em outras passagens bíblicas, onde a tradição é tanto condenada como algo recomendado para observação, especialmente nos escritos paulinos. O autor argumenta que existe tão somente uma dupla utilização do termo, elucidada pelo contexto, e apresenta seis características da tradição condenada: (1) ela faz parte de uma visão religiosa geralmente aceita (ainda circunscrita a uma determinada comunidade ou região); (2) é destituída de uma base de autoridade real; (3) é proclamada como sendo o único caminho comportamental aceitável; (4) é totalmente vazia quanto a um significado espiritual verdadeiro; (5) desvia-se dos mandamentos de Deus, e (6) contradiz os mandamentos de Deus. O autor conclui alertando que é fácil se chegar à conclusão de que este incidente (também registrado em Mateus 15.1-9) é apenas um registro histórico para que se conheça o caráter e a prática religiosa dos fariseus, mas que essas características abstraídas do texto têm diversas aplicações contemporâneas, assunto que pretende abordar em uma segunda parte deste artigo.

* Graduado em Matemática Aplicada (B.A., *Magna Cum Laude*) pelo Shelton College (Cape May, Nova Jersey); Mestre em Divindade (M.Div.) pelo Biblical Theological Seminary (Hatfield, Pensilvânia); *Litterarum Humanarum Doctor* (L.H.D.), pelo Gordon College (Boston, Massachusetts). É professor-coordenador de Educação Cristã no CPAJ e professor de teologia sistemática no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, em São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE

Desprezo da lei; Ensino de Jesus; Escribas; Fariseus; Judaísmo; Legalismo; Tradição dos homens; Tradição judaica.

INTRODUÇÃO

O termo “a tradição dos homens” (Mc 7.8) é utilizado por Jesus e está inserido no contexto maior de Marcos 7.1-13, onde lemos:

Ora, reuniram-se a Jesus os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém. (2) E, vendo que alguns dos discípulos dele comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar (3) (pois os fariseus e todos os judeus, observando a tradição dos anciãos, não comem sem lavar cuidadosamente as mãos; (4) quando voltam da praça, não comem sem se aspergirem; e há muitas outras coisas que receberam para observar, como a lavagem de copos, jarros e vasos de metal [e camas]), (5) interpelaram-no os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar? (6) Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. (7) E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. (8) Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens. (9) E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. (10) Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte.¹ (11) Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor, (12) então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe, (13) invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes (ARA).

A prática de costumes judaicos frequentemente atropelava a mandamento de Deus (7.8), estabelecendo determinações que contrariavam o “espírito da lei”.² A origem dessas determinações estava no ensino dos fariseus e em outras fontes contemporâneas aos fiéis (na ocasião). A essas os fariseus e escribas chamam de “tradição dos anciãos” (7.5) e Jesus também as chama de “preceitos de homens” (7.7, citando Isaías 29.13) e “vossa própria tradição” (7.13). Os mesmos termos são utilizados na passagem paralela de Mateus 15.1-9. Mas temos nós aqui uma interação típica e exclusiva do contexto judaico dos tempos de Jesus ou um profundo e perene ensinamento sobre a *tendência humana* de seguir a tradição dos homens, enquanto damos pouca atenção aos

¹ Êxodo 21.17.

² Juridicamente, “espírito da lei” é a intenção que emana da lei ou de suas disposições, a fim de se cumprir o pensamento ou o objetivo colimado. Disponível em: <https://vademeumbrasil.com.br/palavra/espírito-da-lei>. Acesso em: 4 abr. 2022.

mandamentos de Deus? E o que são *tradições*? A verdadeira igreja cristã se apega a tradições ou essa é uma característica típica do catolicismo romano? Quaisquer tradições são condenadas pela Bíblia? Quando lemos o texto essas são algumas perguntas possíveis que afloram em nossa mente. Procuraremos examinar e demonstrar o que Jesus está condenando nessa interação e como tradições que se contrapõem aos mandamentos de Deus são destrutivas para a igreja de Cristo e o testemunho cristão.

1. TRADIÇÃO NA BÍBLIA – DOIS TIPOS DE TRADIÇÕES

Quando procuramos nas Escrituras Sagradas o que elas nos dizem sobre tradições, vemos, talvez com surpresa, que a palavra “tradição”, *per se*, não é encontrada no Antigo Testamento. É possível, obviamente, fazer um estudo sobre tudo o que está englobado nesse termo “tradição” sem que a palavra apareça. Mas é no Novo Testamento que encontramos a Bíblia tratando mais especificamente sobre o tema. Nele encontramos 13 vezes a palavra traduzida por “tradição” (παράδοσις – *parádoxis*),³ sendo que 7 dessas 13 ocorrências estão no texto sob nossa análise.⁴ Tanto a versão Almeida Revista e Atualizada como a Nova Almeida traduzem παράδοσις como “tradição”, em todos esses textos.⁵

A palavra é “moralmente neutra”, procedendo do verbo composto παραδίδομι,⁶ cujo significado é “passar adiante”, “entregar”. Παράδοσις significa, portanto, aquilo que foi passado adiante. De qualquer maneira, no exame dos textos bíblicos vem como uma surpresa o que parece ser uma contradição: todas as vezes que Jesus utiliza a palavra é para condenar o que está englobado em seu significado, enquanto Paulo, em 1Coríntios 11.2 e em 2Tessalonicenses 2.15 e 3.6, exorta seus leitores a preservarem e conservarem a tradição. Mas essa contradição é apenas aparente: nesses últimos três versos Paulo utiliza o termo de uma maneira e com um qualificativo diferente. Para ele, o que deveria ser preservado são aqueles fatos que foram transmitidos a ele e por ele, baseados na revelação divina, e que são, portanto, merecedores de sua aceitação e seguimento. O ponto essencial para Paulo é que a transmissão

³ Mateus 15.2,3,6; Marcos 7.5,8,9,13; 1Coríntios 11.2; Gálatas 1.14; Colossenses 2.8; 2Tessalonicenses 2.15; 3.6.

⁴ Marcos 7.1-13 e Mateus 15.1-9.

⁵ A versão inglesa King James traduz 1Coríntios 11.2 como “ordenanças”, não havendo justificativa linguística ou de variante em algum manuscrito para tal. É interessante que a NVI em inglês (NIV) seguiu a tradução da King James, enquanto em português o erro foi corrigido.

⁶ παρα (de, indicando proximidade e movimento avante) + δίδωμι (dar algo a alguém) = passar adiante, passar algo a alguém.

foi recebida (1 Co 15.3) e é derivada do próprio Senhor (1Co 11.23). Uma tradição que fosse iniciada por ele, ou por outros, não teria validade (Cl 2.2).⁷

É exatamente em Colossenses 2.2 que Paulo também se refere a “tradições” de forma condenatória, donde podemos entender que, dependendo do contexto e qualificativos, a palavra pode ter dois sentidos.⁸ Assim, “não há contradição no fato de que Jesus repudiou a tradição e Paulo a enfatiza favoravelmente. A tradição de Paulo concorda com a rejeição de Jesus, porque ambos se colocam contra a *tradição dos homens*”.⁹ Vemos que existem dois tipos de tradição – uma aprovada por Paulo e, portanto, em harmonia com as diretrizes e preceitos bíblicos, e a outra condenada tanto por Paulo como por Jesus. A última não deveria encontrar guarida nas convicções e forma de vida dos cristãos. É nessa tradição que queremos focar a nossa atenção e discernir qual tradição é condenada pela Bíblia. Ou seja – o que é a tradição de homens, como reconhecê-la e, conseqüentemente, como evitá-la.

2. ANÁLISE DO TEXTO

Para que isso seja possível precisamos analisar esse incidente na vida e ensinamento de Jesus. O exame da passagem de Marcos (7.1-13) é facilitado pelo fato de que não temos problemas exegéticos, e as dificuldades textuais são limitadas a pequenos detalhes – o ensino aflora claro e conciso, independentemente das variantes escolhidas para representar o texto original.¹⁰ O importante é a consideração dos qualificativos da palavra “tradição” (*παράδοσις*), pois neles está a cristalização das características do tipo de tradições que estão aqui sendo condenadas por Jesus. Ao abstrairmos essas características, teremos condição de reconhecê-las.

2.1 A primeira característica da “tradição” condenada – aceitação acrítica ampla

O momento capturado pela narrativa de Marcos é a confrontação que os fariseus e escribas têm com Jesus. O termo escriba é apenas uma designação funcional do portador dentro do contexto judaico, aplicado à profissão daqueles que transcreviam as Escrituras. Pela sua repetida familiaridade com o texto, os escribas com frequência não somente ensinavam, mas eram requisitados para arbitrar disputas legais e eram consideravelmente respeitados. Ser escriba não

⁷ BUCHSEL, Friedrich. “Paradosis”. In: *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. II, Gerhard Kittel, ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964, p. 172.

⁸ Nas 13 ocorrências, 10 tratam de “tradições” condenadas, por não procederem, nem terem harmonia com a lei de Deus. Apenas 3 se referem a “tradições” que devem ser guardadas (ensinos recebidos e passados adiante, por Paulo): 1Coríntios 11.2; 2Tessalonicenses 2.15; 3.6.

⁹ BUSCHEL, “Paradosis”.

¹⁰ Ver: METZGER, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. London: United Bible Societies, 1971, p. 93 e 94.

especificava uma posição específica dentro do espectro das seitas do judaísmo, mas, como um pesquisador coloca, “os escribas geralmente pertenciam à clã dos fariseus”.¹¹ Podemos inferir, portanto, que aqueles que vieram interpelar a Jesus eram, com toda probabilidade, todos fariseus. Outra conclusão à qual se pode chegar é que naquela época “farisaísmo e judaísmo tornaram-se quase sinônimos”.¹² Os que vieram confrontar a Jesus representavam, portanto, a religião majoritária do país.

Esses líderes da religião amplamente aceita, relata Marcos, tinham rituais cerimoniais bastante sofisticados, como a cerimônia de purificação. Escrevendo a leitores não-judeus (gentios), que não eram necessariamente versados nos costumes judaicos, Marcos fornece uma exposição detalhada, indicando que tais detalhes eram uma parte integral da “tradição”.

Desta forma, podemos ver a primeira característica das “tradições dos homens” condenadas por Jesus (v. 3 e 4): *elas geralmente integram a prática da estrutura religiosa majoritária e representam a religião aceita por seus fiéis.*

2.2 A segunda característica da “tradição” condenada – ela tem uma fonte duvidosa

O nosso exame também revela que o qualificativo auto-assumido dessas tradições é que elas procedem “dos anciãos”, e isso estabelece a fonte delas. “Os anciãos, ou *presbiteroi* (πρεσβύτεροι), eram os mais experientes e mais idosos entre os veneráveis e escoados mestres (rabis)”.¹³ Durante gerações eles tinham transmitido oralmente ensinamentos que, supostamente, procediam de Moisés, adicionando a isso “decisões de vários juizes, que formaram jurisprudência em questões judiciais, e a interpretação delas por famosos rabis”.¹⁴ As prescrições comportamentais contidas nos versos 3 e 4 eram transmitidas oralmente; no entanto, eram ensinadas como se procedessem de Moisés. A falsidade dessa alegação não é difícil de perceber. Primeiro, tudo o que foi importante para ser observado pelas pessoas foi registrado por Moisés sob o direcionamento do Espírito Santo e, por consequência, objetivamente preservado nas Escrituras. Em segundo lugar, a transmissão oral através dos séculos era totalmente suscetível de corrupção, adições e contradições – e realmente isso caracterizava a “tradição dos anciãos” (v. 5).

Edersheim registra essa situação, indicando que a “lei oral” continha “grosseiros antropomorfismos, chegando às raias da blasfêmia, quando [por

¹¹ HIRSCH, Frank E. “Scribes”. In: *International Standard Bible Encyclopedia* (ISBE), 2a. ed., VI, p. 2705.

¹² PETERSEN, Lorman M. “Pharisees”. In: *The Zondervan Pictorial Bible Dictionary*, p. 647.

¹³ LENSKY, R. C. H. *The Interpretation of St. Mark's Gospel*. Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1946, p. 283.

¹⁴ WILLIAMS, Charles B. “Tradition”. In: *International Standard Bible Encyclopedia* (ISBE), 2a. ed., V, p. 3004.

exemplo] Deus é representado como alguém que ocupava as últimas três horas de cada dia brincando com Leviatã...”.¹⁵ Estes são alguns outros exemplos de como a tradição dos homens¹⁶ continha distorções e expressava essa tendência de ir além das diretrizes bíblicas, no tempo de Jesus:

1. Na época de maior influência das determinações da Mishna (450 a.C. até a primeira parte do terceiro século d.C.), considerava-se um costume judaico inviolável que as mulheres não deveriam caminhar nas ruas com a cabeça descoberta (Ketubot vii 6). A violação desta regra era causa para divórcio.¹⁷
2. O Talmud (Bara Kama, 90a) avisa que se alguém remover a cobertura da cabeça de uma mulher, em público, “deve ser multado em 400 Zouzim” (Hershon, 118).¹⁸
3. A cobertura da cabeça terminaria sendo obrigatória para ambos os sexos. Edersheim, comentando sobre o costume dos homens judeus no primeiro século, escreve: “Com relação à cobertura da cabeça, era considerado uma forma de desrespeito caminhar na frente, ou passar por uma pessoa, sem que a cabeça esteja coberta.¹⁹ Compare essa determinação com 1Coríntios 11.7, que dissocia a prática religiosa dessa questão da cobertura: “Porque na verdade o homem não deve cobrir a cabeça”.

Nesse sentido podemos inferir uma segunda característica da “tradição” condenada: *ela não pode ser atribuída a uma fonte de autoridade real, mas carece de fundamento e é ensinada e obedecida por questões pragmáticas ou meramente legalistas – não têm valor intrínseco.*

2.3 A terceira característica da “tradição” condenada – ela apresenta um único caminho aceitável

Ainda no verso 5, na continuidade do exame do texto, vemos os fariseus questionando a Jesus, inquirindo por que os discípulos não seguiam o proce-

¹⁵ EDERSHEIM, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah*. Vol. 1. London: Longmans, Green and Company, 1892; Grand Rapids, MI: A.P. & H. (reimpressão), 1971, p. 551.

¹⁶ Entre várias mencionadas na tese não publicada de MOORE, Kevin L. A Critical Analysis of 1 Corinthians 11.2-16, apresentada à Freed-Hardeman University, Henderson, Tennessee, em 1996. Disponível em: https://apologeticspress.org/wp-content/uploads/oldsite/user_file/A%20CRITICAL%20ANALYSIS%20OF%201%20CORINTHIANS%2011_2-16.pdf. Acesso em: 1 abr. 2022.

¹⁷ *The Jewish Encyclopedia*. 12 vols. New York: Funk and Wagnalls Company, 1902, 2:530-31; cf. 6:158. Também disponível em <https://jewishencyclopedia.herokuapp.com/>. Acesso em: 1 abr. 2022.

¹⁸ HERSHON, Paul Isaac (trad.). *Treasures of the Talmud*. London: James Nisbet and Company, 1882, p. 118.

¹⁹ EDERSHEIM, *The Life and Times*, p. 622.

dimento de se lavarem de acordo com a “tradição” dos anciãos? Por que não procediam dentro das normas amplamente aceitas? O tempo grego utilizado para a palavra “observar”, no verso 4, infere o significado de uma observância sistemática, contínua e repetitiva da tradição dos fariseus. Com esse questionamento enfático, vemos o alto apreço que tinham por essas tradições e como consideravam uma falta imperdoável a ausência de adesão a elas. A “tradição” é retratada como um caminho necessário que deve ser trilhado (*περιπατέω*). Uma terceira característica de uma tradição condenável é que *ela é apresentada como sendo o único caminho aceitável, e se ele não é trilhado os fiéis são submetidos a julgamentos eivados de autojustiça.*

2.4 A quarta característica da “tradição” condenada – observância mecânica

Verificando a resposta que é dada por Jesus aos fariseus, discernimos outra característica dessa tradição, sendo-nos revelada a razão básica porque esse tipo é condenado. Jesus cita Isaías utilizando as palavras da Septuaginta (v. 6), estabelecendo que essas tradições não podem representar a expressão da verdadeira adoração ao Pai, pois não procedem do coração, mas são regras repetitivas a serem observadas de maneira meramente mecânica. Adicionando essa característica àquelas previamente constatadas, vemos que é a negligência da lei de Deus que fomenta a aceitação dessas tradições. Jesus declara que elas têm sua origem em determinações de pessoas e não em Deus e suas prescrições (v. 7-8). Uma quarta característica é, portanto, *a observância puramente mecânica, destituída de valor espiritual, e tem como consequência um ambiente no qual os mandamentos de Deus são negligenciados, estes, sim, possuidores de todo valor espiritual.*

2.5 A quinta característica da “tradição” condenada – ela se afasta da lei de Deus

A tradição de homens não apenas encoraja a negligência da lei de Deus, mas fica evidente, nas palavras subsequentes do nosso Senhor, que ela promove o esquecimento do que Deus ordenou. Na realidade, Jesus indica que os fariseus sempre achavam um “jeitinho” para seguir seus próprios preceitos (v. 9: *“Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição”*). Uma quinta característica da tradição condenada é que *ela se dissocia dos princípios que verdadeiramente representam a vontade divina para as pessoas.*

2.6 A sexta característica da “tradição” condenada – ela contradiz a lei de Deus

Depois que Jesus cristaliza o problema de uma maneira progressiva, ele passa a expandir a condenação indicando as implicações dessa já condenada

“tradição”. Ele faz isso relacionando uma tradição específica dos fariseus (v. 10-13). Aqui temos um mandamento real da parte de Deus: honrar pai e mãe (Êx 20.12, o 5º mandamento). Os fariseus professavam seguir os mandamentos, no entanto, em sua tradição oral, ensinavam que se alguém fizesse um voto de dar suas posses, no futuro, “a Deus”, ou ao Templo, isso o exonerava de suprir as necessidades presentes de seus pais.

Com essa diretriz e uma ordem artificial de prioridades, eles contradiziam o próprio mandamento que professavam obedecer. Jesus está ensinando que a “tradição dos homens” não somente compreende um caminho diferente ou sobreposto aos mandamentos de Deus, mas ele também quer anular qualquer argumento que aproximasse essas tradições da lei de Deus. Não são caminhos paralelos, mas divergentes e contraditórios. Não levam a uma santificação maior, nem à mesma direção. Ele especificamente diz que as tradições condenadas vão contra, nulificam e invalidam os mandamentos de Deus. A sexta característica da tradição condenada é, portanto: *ela se coloca em clara contradição aos mandamentos de Deus e conseqüentemente cai debaixo da condenação divina.*

CONCLUSÃO DA ANÁLISE

O que é, pois, a “tradição dos homens” que se encontra sob tal condenação do nosso Senhor Jesus? É qualquer filosofia, conjunto de regras, modelo de pensamento que:

1. Faz parte de uma visão religiosa geralmente aceita (ainda circunscrita a uma determinada comunidade ou região).
2. É destituída de uma base de autoridade real.
3. É proclamada como sendo o único caminho comportamental aceitável.
4. É totalmente vazia quanto a um significado espiritual verdadeiro.
5. Desvia-se dos mandamentos de Deus.
6. Contradiz os mandamentos de Deus.

Temos que nos preocupar com essa questão em nossos dias? Este relato bíblico é frequentemente visto como sendo tão somente uma explicação do verdadeiro caráter e ensino dos fariseus; uma exposição do porquê eles não tinham a semente da verdadeira religião, e porque eles eram chamados de “atores”, ou hipócritas, por Jesus. Mas a aplicação transcende esse incidente que ocorreu há dois mil anos. Em um próximo artigo nos debruçaremos exatamente sobre aplicações contemporâneas que podem ser extraídas deste texto, como ele tem sido entendido na história e quanto à sua pertinência para alguns exemplos concretos dos nossos dias.

ABSTRACT

This article, the first of a series of two, presents an analysis of the text of Mark 7:1-13, focusing on the term contained in verse eight – “the tradition of men”. It seeks to analyze what “tradition” it is that receives such severe condemnation by Jesus, by examining where it comes from: the pharisees and scribes. It also examines the apparent contradiction in the usage of the term in other biblical passages where tradition is both condemned and commanded to be kept, especially in the Pauline writings. The author indicates that there is only a double usage of the term, elucidated by its context, and presents six characteristics of the tradition that is condemned: (1) It is part of a generally accepted religious perspective/viewpoint (though restricted to a specific community or region); (2) It is destitute of a real authoritative basis; (3) It is proclaimed as being the only acceptable way of behavior; (4) It is totally empty with respect to true spiritual significance; (5) It deviates from God’s commandments, and (6) It contradicts God’s commandments. The author concludes by alerting that it is easy to conclude that this incident (also recorded in Matthew 15:1-9) is only a historical record so that we may know the religious character and practice of the Pharisees, but that these characteristics taken from the text actually have various contemporary applications that will be addressed in the second part of this article.

KEYWORDS

Belittlement of the law; Judaic tradition; Judaism; Legalism; Pharisees; Scribes; Teaching of Jesus; Tradition of men.